

# FMI vai mesmo assessorar o BID

Amsterdã — O principal negociador norte-americano na reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento confirmou ontem que a instituição de 44 nações pensa solicitar à assessoria do Banco Mundial para administrar um novo programa que consistiria em 25% de seu capital desembolsável.

O subsecretário adjunto para assuntos internacionais do Departamento de Tesouro, David Mulford, disse que os novos créditos do BID para a América Latina e Caribe estariam submetidos "a um acerto de co-financiamento com o Banco Mundial".

Mulford disse aos jornalistas que assistem à 30ª assembléia anual do BID que o papel do Banco Mundial no programa seria "em base temporária" de dois anos, após o qual "será revisado".

O plano contempla que o BID comece a emprestar capital que suas nações clientes possam usar para financiar setores inteiros de

suas economias.

Os chamados créditos setoriais permitiriam aos países latino-americanos em desenvolvimento uma maior liberdade de gasto do que o atual tipo dos empréstimos do BID, destinado a projetos específicos de desenvolvimento.

Mulford disse que a participação do Banco Mundial no setor creditício seria importante porque "esta é uma área de crédito que é muito difícil".

## Ampliação

Acrescentou que as 44 nações do banco, que têm sua sede em Washington, carecem de conhecimentos para emitir e administrar tais créditos por si mesmas.

Mulford disse ontem de manhã a funcionários do BID que agora estavam "próximos de um acordo" sobre a ampliação de capital do banco, a primeira desde 1982 e que segundo confirmou totalizaria mais de 26 bilhões de dólares.

Desse dinheiro, 22,5 bilhões de

dólares serão destinados a um pacote creditício de quatro anos que começará a ser distribuído no próximo ano se for aprovado, disse Mulford.

Este pacote compreenderá tanto o novo tipo de créditos setoriais como o tradicional oferecido pelo BID.

"Nossa participação nesta reposição única de capital equivaleria a quase nove bilhões de dólares, com o que os Estados Unidos apor- tariam ao banco mais de 25 bilhões de dólares em contribuição financeira", disse Mulford.

"Somos seus amigos, assim como seu maior sócio comercial", acrescentou.

"Esta reposição é uma medida da importância que o novo governo do presidente George Bush concede ao banco e à sua missão".

Os Estados Unidos são o maior contribuinte do banco, seguido pelo Canadá, Japão e Alemanha Ocidental.